
**PATOGRAFIA E TEOGRAFIA:
A DOR COMO LÓCUS HERMENÊUTICO DA EXPERIÊNCIA DO SAGRADO**

Um Ensaio em Ciência da Religião

Por Emerson Mildenberg¹

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão interdisciplinar entre a patografia, narrativa da dor e da enfermidade e a teografia, narrativa da experiência com o divino, tendo a dor como locus hermenêutico privilegiado da experiência do sagrado. Partindo do pressuposto de que o sofrimento humano não é apenas sintoma clínico ou psicológico, mas também linguagem espiritual e existencial, o texto investiga como a dor pode se tornar um espaço de revelação, escuta e reelaboração do sentido. A análise integra contribuições da psicanálise, da teologia narrativa e da fenomenologia da religião para evidenciar que, na travessia da dor, o sujeito pode ser desconstruído e reconstruído em sua relação com Deus, consigo mesmo e com o mundo. O artigo examina ainda como relatos de sofrimento sejam eles bíblicos, clínicos ou autobiográficos funcionam como dispositivos hermenêuticos que revelam uma teologia encarnada, marcada não pela abstração dogmática, mas pelo drama real da existência. Em última instância, argumenta-se que a dor, ao ser narrada, se torna um texto onde a presença (ou ausência) do sagrado é experimentada, interpretada e, muitas vezes, ressignificada.

Palavras chave: patografia; teografia, dor; espiritualidade; narrativa teológica.

ABSTRACT

This article proposes an interdisciplinary reflection on pathography, the narrative of pain and illness, and theography, the narrative of the experience of the divine, with pain as a privileged hermeneutic locus for the experience of the sacred. Based on the assumption that human suffering is not merely a clinical or psychological symptom, but also a spiritual and existential language, the text investigates how pain can become a space for revelation, listening, and reworking of meaning. The analysis integrates contributions from psychoanalysis, narrative theology, and the phenomenology of religion to demonstrate that, in the journey of pain, the subject can be deconstructed and reconstructed in their relationship with God, themselves, and the world. The article also examines how accounts of suffering, whether biblical, clinical, or autobiographical, function as hermeneutic devices that reveal an embodied theology, marked not by dogmatic abstraction, but by the real drama of existence. Ultimately, it is argued that pain, when narrated, becomes a text where the presence (or absence) of the sacred is experienced, interpreted and, often, reinterpreted.

Keywords: pathography; theography; pain; spirituality; theological narrative.

¹ Coordenador do Curso de Bacharelado em Psicanálise Clínica e Bacharelado em Teologia – UniFil.

TEOGRAFIA: FUNDAMENTOS, PERSPECTIVAS E DESDOBRAMENTOS HERMENÊUTICOS

O termo *teografia*, embora ainda não amplamente sistematizado nos cânones da teologia clássica, emerge como uma categoria fecunda na confluência entre espiritualidade, narrativa e experiência religiosa. Etimologicamente derivado do grego *theos* (Deus) e *grapho* (escrever), a teografia pode ser compreendida como a escrita não meramente acerca de Deus, mas *a partir* da experiência de Deus. Ela não se propõe como um tratado sistemático, mas como uma narrativa encarnada da relação com o sagrado, frequentemente mediada pela dor, pelo silêncio, pela perplexidade e pelo êxtase. É, portanto, uma forma de “teologia autobiográfica” em que a experiência existencial torna-se solo epifânico.

Paul Ricoeur (1990) destaca que *"a narrativa é o lugar onde se reconcilia a experiência vivida com a inteligibilidade do mundo"*. A teografia, nesse sentido, é mais do que descrição; é um processo hermenêutico em que o sujeito crente em meio ao sofrimento, à crise ou à revelação inscreve Deus em sua história e se inscreve na história de Deus. A teografia é, portanto, experiência que se torna texto, e texto que reinterpreta a experiência.

Ao contrário da teologia sistemática que busca categorias universais e estabilidade conceitual, a teografia é inquieta, fragmentária, vulnerável. Ela dialoga com a tradição da teologia narrativa, cujo foco desloca-se da normatividade doutrinária para a escuta dos testemunhos singulares da fé. Segundo James McClendon Jr. (2002), *“a teologia narrativa permite que a história pessoal e comunitária torne-se veículo da revelação, especialmente nos contextos de dor e marginalização”*.

TEOGRAFIA E TEOLOGIA NARRATIVA

A teologia narrativa, especialmente em sua vertente pós-liberal (ex. George Lindbeck e Hans Frei), propõe que as Escrituras e as histórias de fé sejam compreendidas como um universo de discurso em que o sentido emerge da tradição vivida. Nesse cenário, a teografia representa o modo pelo qual o sujeito interpreta sua dor, alegria ou fé à luz da grande narrativa cristã, sem romper com ela, mas também sem anular sua singularidade. A teografia se torna, assim, um ato de inserção simbólica e hermenêutica do self na história da salvação.

TEOGRAFIA E MÍSTICA TEOPOÉTICA

A teografia também se articula com a tradição mística e teopoética, especialmente em autores como Simone Weil, Etty Hillesum e, mais contemporaneamente, Christian Bobin e Jean-Yves Leloup. A experiência com o sagrado, marcada pela dor e pelo silêncio de Deus, não se reduz a categorias teológicas, mas irrompe em formas poéticas, paradoxais e até blasfemas de dizer Deus. Como afirma Jean-Yves Leloup (2015), “há uma mística que não começa com êxtase, mas com ferida; é ali que Deus escreve com sangue o seu nome em nós”. A teografia, nesse contexto, é escritura com lágrimas, um evangelho íntimo que não pretende converter, mas testemunhar.

TEOGRAFIA E HERMENÊUTICA EXISTENCIAL DO SAGRADO

En passant, a teografia ganha relevo como categoria interpretativa na hermenêutica existencial do sagrado, em autores como Paul Tillich, Rudolf Otto e Mircea Eliade. Tillich (1959), ao falar do “coragem de ser”, reconhece que o sagrado é sempre ambíguo, emergindo no abismo da finitude e da ansiedade. A teografia, nesse horizonte, não é um discurso que explica Deus, mas um testemunho que ousa nomear sua presença na ausência, sua glória na ruína, sua luz nas trevas da interioridade. Como expressa Rudolf Otto (1917), o sagrado é *mysterium tremendum et fascinans*, e a teografia é a tentativa sempre falha e necessária de narrar esse mistério.

Exploremos, de forma sucinta, porém pormenorizada em três seções o que até pudemos apresentar:

TEOGRAFIA E TEOLOGIA NARRATIVA: A DOR COMO TEXTO DA FÉ

A teologia narrativa redireciona o foco da teologia sistemática, que privilegia categorias abstratas e universais para a experiência concreta, histórica e situada dos sujeitos crentes. George Lindbeck (1984) argumenta que a religião opera como uma gramática cultural-linguística, dentro da qual a fé é formada, sustentada e interpretada. Nesse sentido, a teografia surge como expressão escrita da interioridade teologicamente moldada, onde o sofrimento e a dor não são obstáculos à fé, mas elementos centrais da construção do sentido.

A narrativa da dor funciona como um dispositivo hermenêutico: ela permite ao sujeito dar forma ao caos, ao sofrimento, e reinterpretá-lo à luz das categorias da fé. James McClendon Jr. (2002) sugere que *"a vida cristã é contada antes de ser pensada teologicamente"*, ressaltando que o testemunho encarnado tem primazia sobre a formulação abstrata. A teografia, nesse horizonte, é narrativa que traduz o trauma em travessia e o sofrimento em lugar de epifania.

Casos bíblicos como os Salmos de lamento, o livro de Jó ou as confissões de Jeremias exemplificam uma tradição teográfica ancestral, onde o grito humano não destrói a fé, mas a complexifica e a amadurece. A dor não é negada, mas narrada, e ao ser narrada, torna-se espaço de revelação.

TEOGRAFIA E MÍSTICA TEOPOÉTICA: QUANDO DEUS SE ESCRIVE COM LÁGRIMAS

Na tradição mística, especialmente a que se expressa por meio da linguagem poética, o encontro com o divino frequentemente ocorre não nos cimos da exaltação, mas nos vales da dor. Simone Weil, por exemplo, sustenta que *"a desgraça extrema que se abate sobre o ser humano é a ocasião mais pura da presença de Deus"* (Weil, 1952). A teografia, sob essa ótica, é um texto que sangra, uma escritura existencial marcada por fissuras, paradoxos e clamor silencioso.

Jean-Yves Leloup (2015) propõe a ideia de uma *mística da ferida*, onde Deus não se revela apenas como objeto da adoração, mas como companheiro da angústia. O relato místico-teopoético não pretende sistematizar, mas testemunhar: é um dizer quebrado, hesitante, onde o sagrado se insinua no não-dito. A teografia, nesse caso, se aproxima da poesia mística, como em Etty Hillesum, cuja experiência no campo de concentração não anulou sua fé, mas a transfigurou: *"a vida é bela, mesmo quando tudo desaba"* (Hillesum, 1996).

Essa abordagem amplia o escopo teológico para incluir a estética do sagrado, em que a dor é não apenas experiência, mas estética, linguagem e presença. A escrita teográfica é, assim, uma forma de resistência espiritual: um lugar onde o sujeito fere o papel com palavras para inscrever, na carne da linguagem, a memória de sua travessia.

TEOGRAFIA E HERMENÊUTICA EXISTENCIAL DO SAGRADO: A PRESENÇA NA AUSÊNCIA

A dor, na perspectiva da hermenêutica existencial, não é apenas um evento a ser suportado, mas uma realidade a ser interpretada. Paul Tillich (1959), ao refletir sobre a "coragem de ser", compreende que o sagrado se manifesta precisamente nas zonas de crise, onde o ser humano confronta sua finitude, seu vazio e sua ansiedade ontológica. A teografia, portanto, é um esforço interpretativo em meio ao abismo, em que o sujeito escreve para continuar sendo.

Essa escrita existencial da fé se enraíza na ideia de que o sagrado não é imediatamente acessível, mas ambíguo, oculto, frequentemente silencioso. Rudolf Otto (1917) descreve o sagrado como *mysterium tremendum et fascinans*, uma realidade que atrai e repele, conforta e abala. A teografia, ao tentar narrar esse mistério, revela-se um texto liminar, sempre à beira do indizível.

Mircea Eliade (1957) também contribui com a noção de hierofania a manifestação do sagrado no profano que encontra eco na teografia como escrita da imanência que se abre ao transcendente. Ao narrar sua dor, o sujeito não apenas expõe uma experiência, mas busca nomear o inominável. A teografia é, nesse sentido, um exercício hermenêutico e espiritual: busca compreender, pela via narrativa, o que a razão não pode abarcar.

Ato contínuo, passemos a tratar sobre a Patografia.

PATOLOGIA: A DOR COMO ESCRITA DA SUBJETIVIDADE EM RUÍNA

O termo *patografia* provém do grego *pathos* (sofrimento, paixão) e *grapho* (escrever), e refere-se, originalmente, à narrativa da enfermidade ou da dor, especialmente sob a forma de autobiografias, memórias, diários ou confissões. Trata-se de um gênero discursivo que visa dar forma simbólica ao sofrimento vivido, e que vem ganhando espaço nas interseções entre psicanálise, medicina narrativa, estudos literários e fenomenologia da experiência patológica.

Johanna Hedva (2016), em seu manifesto *Sick Woman Theory*, propõe uma virada epistêmica ao afirmar que “a experiência da dor crônica e da vulnerabilidade pode ser mais radical do que qualquer protesto público”. Nesse sentido, a patografia não é apenas um relato sobre o corpo adoecido, mas uma denúncia da normatividade que oprime as existências frágeis, feridas,

silenciadas. A escrita patográfica torna-se, assim, ato político, poético e terapêutico, devolvendo voz ao sujeito cuja subjetividade foi fragmentada pela dor.

Por sua vez, Anne Hunsaker Hawkins (1999), uma das principais pesquisadoras da patografia moderna, define-a como “*a escrita da doença vivida por pacientes que buscam compreender e significar sua experiência de perda, de finitude e de resistência*”. Ela nota que tais narrativas cumprem função existencial pois oferecem sentido à experiência e social pois comunicam aos outros uma interioridade marcada pela crise.

A patografia, nesse horizonte, não deve ser confundida com uma descrição meramente factual da enfermidade. Trata-se de um gênero híbrido, entre literatura, confissão e clínica, onde a dor é traduzida em palavras para que o caos psíquico e físico não se transforme em silêncio absoluto. Vejamos três de seus principais desdobramentos:

PATOGRAFIA E LITERATURA DA DOR: A PALAVRA QUE SANGRA

A dimensão literária da patografia revela-se na potência estética de transformar sofrimento em linguagem. Desde obras como *O Leito de Procusto*, de Nassim Taleb, até *Diário de um Ano Ruim*, de J. M. Coetzee, passando pelas confissões trágicas de Sylvia Plath e Clarice Lispector, encontramos um traço comum: o corpo dilacerado e a alma exausta tornam-se solo para a escrita. O texto patográfico é uma tentativa de resistir à destruição interna por meio da simbolização da dor.

Segundo Susan Sontag (1978), “*a doença é o lado noturno da vida*”, e escrever sobre ela é uma forma de iluminar esse território sombrio. A patografia, nesse sentido, opera uma travessia: do sofrimento mudo ao sofrimento narrado, do corpo em crise ao texto que denuncia, interpreta e, às vezes, redime.

PATOGRAFIA E CLÍNICA DA ESCUTA: NARRAR PARA EXISTIR

A psicanálise, especialmente em sua vertente lacaniana, tem sido uma interlocutora privilegiada da patografia. Jacques Lacan (1953) afirma que “*o inconsciente é estruturado como uma linguagem*”, o que implica dizer que o sofrimento, para ser elaborado, precisa ser simbolizado e, muitas vezes, isso se dá pela via da fala ou da escrita. A patografia se torna,

nesse contexto, um dispositivo clínico: ao narrar sua dor, o sujeito desloca-se da condição de objeto do sofrimento para sujeito do discurso.

Autores como Paul Ricoeur (2005), ao tratar da “identidade narrativa”, também mostram como o sujeito se reconstrói à medida que conta sua história. A escuta clínica da patografia permite, assim, a emergência de uma nova identidade, capaz de ressignificar o trauma. O que era puro *pathos* torna-se *logos* dor que ganha contorno simbólico e permite a continuidade da existência.

PATOGRAFIA E ONTOLOGIA DO SOFRIMENTO: A FRAGILIDADE COMO FUNDAMENTO

A patografia não é apenas um relato contingente; ela carrega implicações ontológicas. Emmanuel Levinas (1985), ao refletir sobre o sofrimento, insiste que “*o eu sofre no lugar do outro*”, revelando que a dor funda não só a subjetividade, mas também a alteridade. A escrita patográfica, então, não é apenas um ato individual, mas um apelo ético: convida o leitor a sair de si, a escutar a ferida do outro.

Nesse sentido, a patografia é também fenomenologia do sofrimento: a descrição intencional de como a dor aparece à consciência, altera a percepção do tempo, do corpo e do mundo. Como propõe Maurice Merleau-Ponty (1962), “*o corpo não é um objeto entre outros, mas o lugar onde o mundo se faz presente*”. Na patografia, o corpo sofredor torna-se texto, e o mundo outrora indiferente, reaparece como ameaça, desamparo ou esperança. Articulando os conceitos, concluímos, portanto,

PATOGRAFIA E TEOGRAFIA: QUANDO A DOR SE TORNA LUGAR DE REVELAÇÃO

A patografia e a teografia, embora situadas em campos distintos a primeira ligada à experiência clínica e existencial da dor, e a segunda à experiência espiritual e teológica do sagrado convergem em um ponto decisivo: a dor narrada como espaço de interpretação e revelação.

Na patografia, o sofrimento encontra linguagem e sentido; na teografia, a experiência do sagrado emerge precisamente no território fraturado da existência. Ambas operam como

formas de escrita que tentam resistir ao silêncio absoluto da dor, produzindo memória, identidade e fé. Se na patografia o sujeito escreve para sobreviver, na teografia escreve para crer e muitas vezes, estas são faces do mesmo gesto.

Essa intersecção mostra que a dor não é apenas um dado biográfico ou clínico, mas um lócus hermenêutico, onde o ser humano escuta a si, ao outro e a Deus. Assim, a dor narrada torna-se um texto aberto à transcendência, um espaço em que o sofrimento não é negado, mas reconhecido como possível lugar de encontro com o sagrado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, procuramos refletir sobre a dor não apenas como experiência humana inevitável, mas como solo interpretativo e potencialmente revelador da presença do sagrado. Ao articular os conceitos de patografia e teografia, demonstramos que tanto a escrita da enfermidade quanto a narrativa da experiência espiritual podem se constituir como formas hermenêuticas de resistir ao silêncio do sofrimento, de reinscrever sentido na existência e de encontrar Deus nas fendas da condição humana.

A patografia revela o modo como o sujeito simboliza seu sofrimento, enquanto a teografia testemunha como, nesse mesmo sofrimento, pode emergir uma relação com o sagrado silenciosa, paradoxal, muitas vezes ambígua, mas profundamente real. Ambas convergem na aposta de que a dor, ao ser narrada, não apenas comunica, mas transforma. Não se trata de glorificar o sofrimento, mas de reconhecer sua força reveladora, ética e espiritual.

Em tempos marcados pelo esvaziamento simbólico da dor e pela medicalização da existência, resgatar a narrativa como lugar de escuta, significação e presença é um gesto profundamente humano e teológico. A dor narrada seja clínica ou espiritual pode tornar-se um texto que nos interpreta, nos reconcilia com a nossa fragilidade e nos abre, por fim, ao mistério do sagrado.

REFERENCIAIS

COETZEE, J. M. *Diário de um ano ruim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HEDVA, Johanna. *Sick Woman Theory*. Mask Magazine, 2016. Disponível em: <https://www.maskmagazine.com/not-again/struggle/sick-woman-theory>. Acesso em: 29 jul. 2025.

HILLESUM, Etty. *Uma vida interrompida: diários e cartas (1941-1943)*. São Paulo: Vozes, 1996.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LELOUP, Jean-Yves. *A montanha no oceano: mística, silêncio e presença*. Petrópolis: Vozes, 2015.

LINDBECK, George. *The nature of doctrine: religion and theology in a postliberal age*. Philadelphia: Westminster Press, 1984.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

OTTO, Rudolf. *O sagrado: aspectos irracionais na ideia do divino e sua relação com o racional*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007.

RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990.

9

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa: tomo III*. Campinas: Papirus, 1997.

SONTAG, Susan. *A doença como metáfora*. São Paulo: Graal, 1978.

TALEB, Nassim Nicholas. *O leito de Procusto: ensaios filosóficos e práticos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

TILLICH, Paul. *A coragem de ser*. São Paulo: Paulus, 2004.

WEIL, Simone. *A gravidade e a graça*. São Paulo: Loyola, 2001.